



investigar o que “passa quando nada se parece passar” (PAIS, 2003), é no intuito de estarmos atentas ao que pode passar a existir enquanto importante ao tirarmos o foco do que não existe, do que falta, do que se estabeleceu como ideal. No campo das pesquisas com os cotidianos das escolas, diferenciamos-nos de outros estudos curriculares preocupados com as políticas oficiais de currículos, porque, como escreveram Alves e Oliveira (2008, p. 11), “(...) nossa preocupação está na necessidade que percebemos de que os estudos de currículo, para além da análise das políticas oficiais, se dediquem a compreender como cotidianamente são enredados os conhecimentos e realizados os currículos”.

Buscamos nesses cotidianos, “(...) para além de entendê-los como lugar de reprodução e de consumo, o que nele se cria no *uso* de produtos e regras que neles são postos pelo poder proprietário (CERTEAU, 1994)” (ALVES; OLIVEIRA, 2008, p. 13).

Com Garcia (2015) penso os currículos como produções cotidianas. Questionando hegemonia e reducionismo no pensamento curricular, com essa autora, destacamos como lógicas contemporâneas disseminam-se transportando discursos, sentidos e prioridades na sociedade.

### **Metodologia**

Que métodos podem responder mais adequadamente aos desafios que produzimos com nossas pesquisas? Acreditando na força da palavra falada nas narrativas orais e escritas; na potência do encontro; na força da presença, investimos nas pesquisas narrativas, frequentemente (auto)biográficas, como escolha metodológica.

Compreendendo a coerência como busca permanente e entendendo opções metodológicas como epistemológicas, teórico-práticas e políticas, ressalto a importância de abraçarmos a processualidade existente tanto na formação docente e na emancipação social, quanto na nossa relação com a escrita. Bricolando nas oficinas com as licenciandas, mobilizamos conversas por meio das quais passamos a afirmar as epistemologias do sul (SANTOS, 2019) e a vida na luta por uma vida decente.

### **Discussão e Resultados**

No âmbito das oficinas, quando tematizamos emancipação, estudamos juntas, inicialmente, um pouco da história desse conceito, a partir do que entendemos como o termo fica modernamente marcado, sobretudo nas perspectivas positivista e idealista. A partir daí, puxamos fios com os quais tecemos reflexões sobre diferentes emancipações.

Primeiramente, cito a Paulo Freire, que faz uma análise crítica da teoria antidialógica própria de um ensino tradicional, que desumaniza e oprime. A obra freireana é considerada uma teoria de cunho emancipatório, visando mesmo emancipar aqueles que, pela estrutura desumanizante, são feitos “seres menos”, subalternizados, oprimidos. A educação popular freireana é considerada “(...) como referencial para mudar a escola na América Latina,

visando a uma escola pública emancipadora e democrática” como concluíram Oliveira e Santos (2018, p. 138).

Pensando em emancipação intelectual, estudamos *O Mestre Ignorante*. Quando aborda o mestre emancipador, Rancière (2018) toma como emancipados aqueles que “conscientes do verdadeiro poder do espírito humano” (p. 34). O autor diz que quem ensina sem emancipar embrutece e que o princípio da igualdade emancipa. No tocante à emancipação individual, para Rancière (2018, p. 64), “(...) o que pode essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência daquilo que pode uma inteligência quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra como igual à sua”.

Finalmente, com Santos (2019) pensamos a noção de emancipação social. Com vistas a “(...) combater os excessos de regulação da modernidade através de uma nova equação entre subjetividade, cidadania e emancipação”, Santos (2013, p. 278) nos diz que: “(...) a emancipação não é mais do que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que a distingue de outros conjuntos de lutas é o sentido político de processualidade das lutas”.

Textos de Paulo Freire, Jacques Rancière e Boaventura de Sousa Santos são por nós estudados, mas foi pensarmos juntas a respeito disso que oportunizou traçarmos linhas para fora dos textos: “*Acho que a emancipação está no retorno para si (...) Emancipação é intenção de habitar vários espaços sendo dono de si. (...) Já sinto gosto da emancipação só no simples ato de escrever (...)*”, compartilha uma das licenciandas participante das oficinas.

## **Conclusões**

Muitas lutas se articulam nos tensionamentos aos quais estamos (in)submetidas nos enfrentamentos por emancipação social, mas, como me afeta singularmente a problemática da escrita e seus efeitos em nossas docências, é a ela que me dedico.

Conversando com Walter Kohan, aprendo que nos emancipamos quando conseguimos soltar as mãos daquilo que nos aprisiona. Escrevendo à mão, percebo efeitos de diferentes fluxos por isso oportunizados... Desconfio de minha própria vinculação entre escrita e emancipação... E ainda, a inquietante provocação de uma docência que, inscrita, se escreve e que interfere sem ferir. Como Clarice, “quero como poder pegar com a mão a palavra” (LISPECTOR, 1999, p. 11).

## **Referências**

ALVES, Nilda. Sobre os movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, N; OLIVEIRA, I. **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. Petrópolis: Depetrus editora, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1**: artes de fazer. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São

Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo et al. (Orgs.). **Diferentes perspectivas de currículo na atualidade**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2015. p. 289–304.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana** – Enigmas e revelações. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3. ed. 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTOS, Boaventura de S. **O Fim do Império Cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.